

DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR (C)

1. A liturgia deste domingo, o primeiro dia da Semana Santa, contém a narrativa da Paixão em três versões lindíssimas:

- a linguagem profética de Isaías, com o servo do Senhor,**
- a linguagem histórica, com a descrição dos acontecimentos, feita por São Lucas e, ainda,**
- a linguagem catequética e profundamente espiritual usada por São Paulo, na Carta aos Filipenses.**

2. O servo do Senhor anuncia o Messias que, pelo sofrimento, redime Israel. Isaías, ao contar a vida do servo, refere o quanto Ele foi espancado, insultado, esbofeteado, sem reagir, porque confia ilimitadamente no Senhor. É uma profecia lindíssima que deve ser conhecida em toda a sua riqueza.

3. Depois, a leitura da Paixão permite conhecer todo o sofrimento vivido por Jesus, desde o Horto das Oliveiras até à crucifixão no Alto do Calvário.

4. Finalmente, Paulo refere o mistério de Jesus que, feito homem, assumiu todos os limites do homem e os venceu pela Ressurreição.

São três narrativas diferentes, mas muito belas do mesmo mistério pascal, morte e ressurreição de Cristo.

A HISTÓRIA DO SERVO DO SENHOR

5. Na proximidade da Páscoa, é bom conhecer a grande profecia de Isaías que fala do “homem das dores”. São três os cânticos do servo:

- No primeiro cântico conta-se a vocação do servo, chamado por Deus: “Eis o meu servo, o meu eleito que Eu amparo, que Eu preferi.” (Is 42,1) --**
- No segundo cântico define-se a missão do servo: “O Senhor fez da minha palavra uma espada afiada e da minha mensagem uma seta penetrante.” (Is 49,2)**

- Mas o terceiro cântico é que revela a coragem do servo que, na fidelidade, aceita dar a vida pelo Povo de Deus, vivendo o sofrimento e a confiança. “Apresentei as costas aos que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba (...) mas o Senhor veio em meu auxílio.” (Is 50,6-7)

6. A figura do servo do Senhor anuncia Jesus Cristo, o eleito de Deus, com uma missão de salvação para todos, missão realizada através da sua Paixão e Morte, o preço da fidelidade a Deus.

A HISTÓRIA DA PAIXÃO E MORTE DE JESUS

7. Durante a Semana Santa, várias vezes são os cristãos convidados a meditar na Paixão de Cristo. Neste ano C, na liturgia, aparecem duas narrativas da Paixão, a de Lucas, lida neste Domingo de Ramos, e a de João, lida na Sexta-Feira Santa.

Com a diferença de alguns pormenores, é sempre o mesmo mistério de amor, de quem dá a vida pelos seus amigos, uma vez que “a maior prova de amor está em dar a vida por aqueles a quem se ama”. Assim fez Jesus, deu a vida pela Humanidade. Vencida a culpa, todos podem ressuscitar para a vida.

A PAIXÃO DE JESUS RELEMBRADA POR SÃO PAULO

8. Este texto de São Paulo aos Filipenses é uma síntese teológica do maior valor, é o resumo de toda a cristologia.

- Cristo “humilhou-Se a Si mesmo tomando a forma de homem” (Fl 2,7): é o mistério da encarnação.

- “Obedeceu até à morte e à morte de cruz” (Fl 2,8): é a missão redentora de Cristo levada ao extremo.

- Mas depois “o Senhor exaltou-o e deu-lhe um nome que está acima de todos os nomes” (Fl 2,9): é a glorificação de Jesus na Ressurreição e por toda a eternidade.

De facto, a história da Paixão não termina na morte. A morte assumida como sacrifício único tornou-se em tudo e para todos fonte de vida, porque “Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2,10).

9. Na Semana Santa, contempla-se a paixão de Jesus pela humanidade. Por ela deu a vida e, ao ressuscitar, convida os homens e as coisas a ressuscitarem com Ele (Rm 6).

10. O mundo de hoje está dominado pela cultura da morte. É normal falar-se e até aceitar o aborto e a eutanásia; vejamos as situações de violência, de ódio, de interesses contrapostos, os homicídios, as guerras, os massacres e os genocídios, os deslocados, a miséria, a subnutrição, a fome, as drogas, as agressões ecológicas, a prostituição, etc – tudo isto é revelador da morte que passeia pelo mundo.

O cristão tem o dever de semear a vida, de destruir a morte em todas as suas formas. O cristão tem o dever de servir a vida, para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

11. É urgente contrapor à morte a cultura da vida, em todas as circunstâncias:

Contra a morte económica e social. Os cristãos são convidados à partilha, à ajuda dos mais pobres, dos condenados ao desemprego, à entreaajuda fraterna;

Contra a morte ideológica e política. Os cristãos são chamados ao respeito pela diversidade, ao debate e intervenção corajosa e respeitosa, para o serviço da comunidade;

Contra a morte afectiva e familiar, neste tempo ainda de calamidade e de guerra. Os cristãos estão obrigados a quebrar as solidões, abrindo o coração aos mais velhos, aos refugiados, aos doentes, aos sem-abrigo, àqueles que estão marginalizados;

Contra a morte espiritual e religiosa, os cristãos têm de assumir a sua vocação de evangelizadores, pelo testemunho da sua fé, mostrando que são capazes de praticar as boas obras, pela proclamação de Jesus Cristo Salvador e pela presença e experiência cristã na comunidade onde estão inseridos.

Ter a cultura da vida implica a preocupação com a promoção da ressurreição onde quer que a morte aconteça. Se há muitas formas de

morte, há outras tantas formas de ressurreição. E os cristãos são agentes da vida, actores da ressurreição a realizar.

12. A Páscoa acontece sempre na primavera. Não é por acaso. Páscoa é sinal de renascer de novo, vencer as mortes, descobrir a vida.

Desejo a todos os amigos e amigas uma Semana Maior vivida santamente.

N.B. O autor não segue o novo acordo ortográfico